

Soka Gakkai Internacional

SGI Quarterly

Um fórum budista pela paz, cultura e educação

Número 86 | Outubro 2016



Nesta edição

Transformar a pobreza em promessa urbana *Kennedy Odede*

Dar um rosto humano ao conflito *Lisa Gossels* **É preciso terminar o que começamos** *Lassina Zerbo*

A **SGI Quarterly** reúne vozes de uma série de indivíduos e grupos que exploram respostas criativas para os desafios comuns do nosso tempo.

O Fórum tem como objetivo gerar diálogo e interesse em temas relacionados com a construção de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos para a melhoria da sociedade. Para ver o arquivo das edições anteriores e participar com a sua opinião, visite *Common Threads*, uma página no Tumblr criada pela Soka Gakkai Internacional (SGI), em commonthreads.sgi.org.

Em Foco destaca as atividades das organizações da SGI e instituições afiliadas ao redor do mundo; Pessoas e Perspectivas apresenta histórias e reflexões sobre a visão budista da vida; e Budismo na Vida Diária explora princípios budistas e sua aplicação à vida moderna.

As opiniões expressas nesta revista não são necessariamente as da SGI. A solicitação para reimpressão de qualquer texto traduzido da revista ou de qualquer texto do *Common Threads* deve ser encaminhada para o e-mail: quarterly@sgi.org; e da parte brasileira, para o e-mail: rp@bsgi.org.br. Os artigos originais desta edição (em inglês) podem ser baixados do site da SGI: www.sgi.org.br. A versão em português em breve estará disponível no site da BSGI.

Edição editorial:

Anthony George
Azumi Tamae
Margaret Sutherland
Marisa Stenson
Michael Salsbury
Motoki Kawamorita
Richard Walker
Sonal Malkani
Yoshiko Ogushi
Yoshinori Miyagawa

Edição em português:

Coordenação:
Divisão de Relações Públicas da BSGI

Colaboradores:

Aline Carolina Omai de Mello
Ana Cristina Lopes
Celi Yuri Shimabukuro Saito
Fernanda de Castro Caetano
Flávia de Araújo Sapienza
Henrique Kubota
Juliana Kazue Nakasaki
Laura Martins
Luci Goshima da Costa
Maria Alice da Costa
Mariana Watanabe
Marta Gomes da Silva
Mitiyo Santiago Murayama
Monica Kimura
Núbia dos Santos
Priscila Pommerening Kajita
Renata Pereira Miranda
Rosângela Magda de Oliveira
Silvana Vicente
Solange Tobaja Aídar
Sonia Sanae Morita Marcello da Silva
Tabata Mayumi Yamada Marques
Talita Gomes de Santana Marcitelli
Vivian Francisco de Oliveira

Publicado pela Soka Gakkai Internacional

Direção de Arte & Design: Modis Design

© 2016 Soka Gakkai Internacional

Todos os direitos reservados.

Impresso no Brasil.

“Essas suposições são geralmente falsas e nunca contam toda a história. É assim que os conceitos de ‘alteridade’ e ‘inimigos’ são criados.”

Lisa Gossels

06

02



“Hoje, há uma quantidade menor de armas nucleares no planeta, desde meados de 1950 (cerca de 16 mil ogivas).”

Lassina Zerbo

12

10



Índice

Fórum **02** Transformar a Pobreza em Promessa Urbana
Entrevista com Kennedy Odede

06 Dar um Rosto Humano ao Conflito
Lisa Gossels

10 Além das Manchas de Lixo no Oceano
Nate Maynard

12 É Preciso Terminar o que Começamos
Entrevista com Lassina Zerbo

16 As Limitações da Competição Militar
Daisaku Ikeda

Pessoas e Perspectivas **18** Lutando por Minha Filha
Rachel Aspögård

20 Budismo em Cuba
Joannet Delgado

Em Foco **22** A SGI na Conferência Humanitária Mundial
Nobuyuki Asai, Elisa Gazzotti e Alexandra Masako Goossens

24 A Orquestra da Revolução Humana
Sean Corby

Budismo na Vida Diária **27** A Vida de Nichiren Daishonin



▲ Kennedy com a esposa, Jessica, do lado de fora da Escola Kibera para Meninas

Transformar a pobreza em promessa urbana

Entrevista com Kennedy Odede

Kennedy Odede está mudando a vida de meninas nas favelas de Kibera e Mathare em Nairóbi, Quênia. O projeto *Shining Hope for Communities (Shofco)*, o qual fundou com sua esposa, Jessica Posner, tem como iniciativa o combate à pobreza e a desigualdade de gênero, promovendo educação gratuita para as meninas e oferecendo serviços e programas de empoderamento para a comunidade em geral.

Acostumado com a pobreza, Kennedy Odede cresceu em Kibera, conhecida como uma das maiores favelas da África, onde os moradores experimentam extrema falta de serviços públicos básicos, como educação, saúde, saneamento, água potável, eletricidade e estradas. Nesta entrevista, ele fala sobre a inspiração para a criação do Shofco e a realização de uma visão de empoderamento da comunidade.

Qual é a missão do Shofco, e qual foi a inspiração por trás de sua criação?

O projeto Shining Hope for Communities (Shofco) trabalha para combater a pobreza e a desigualdade de gênero em favelas urbanas, ligando escolas gratuitas para meninas a serviços essenciais para toda a comunidade. Nossos serviços incluem programas de empoderamento da comunidade, acesso à água potável e saneamento, e clínicas de saúde gratuitas. Ao vincular os serviços da comunidade com escolas para meninas, mostramos que elas e sua educação fazem parte de um ecossistema de valor. O projeto Shofco atualmente trabalha nas favelas de Kibera e Mathare em Nairóbi, Quênia.

A inspiração para a criação do Shofco foi minha própria experiência de ter crescido nas favelas de Kibera. A luta do dia a dia da pobreza extrema faz você se sentir sem esperança, e a falta de recursos perpetua o ciclo da pobreza. Para a maioria das pessoas parece que não há outra opção. Às vezes, eu me sentia assim também.

Não tive educação formal consistente, porém aprendi a ler com os jornais que encontrava na rua. A leitura me ajudou a descobrir os trabalhos de Marcus Garvey e Martin Luther King Jr., que, em parte, me inspiraram a começar o Shofco.

Percebi que poderíamos começar uma mudança em nossa comunidade naquele momento. Não precisávamos esperar por ajuda ou nos sentir impotentes. Poderíamos fazer uma Kibera melhor sozinhos. Comprei uma bola de futebol com os ganhos da fábrica em que trabalhava. No início, apenas reuníamos jovens para jogar futebol, Porém, depois de algum tempo se tornou um meio para falarmos sobre os problemas que enfrentávamos em Kibera e o que poderíamos fazer sobre isso. Decidimos começar com pequenas ações, como tirar o lixo das ruas e iniciar um programa de teatro para que os jovens pudessem compartilhar questões sociais. Pudemos notar a diferença na atitude das pessoas e na comunidade.

No entanto, quando conheci Jessica Posner (que agora é minha esposa), o projeto Shofco realmente se expandiu. Ela era estudante estrangeira na época e tinha ouvido falar da obra do Shofco, bem como de nosso programa de teatro, no qual ela gostaria de se envolver. Então, veio viver em Kibera e se tornou parte da comunidade e próxima dos nossos jovens. Conversando com eles, ela testemunhou em primeira mão muitas questões das quais trabalhamos para resolvê-las, especialmente a desigualdade de gênero.

Em 2009, decidimos que não seríamos capazes de estabelecer a igualdade de gêneros e um futuro melhor para Kibera se as meninas não tinham nem sequer acesso à educação. Assim, com todo o dinheiro que tínhamos e um sonho, começamos a primeira escola livre para meninas. Agora, sete anos depois, construímos também uma instituição em Mathare e estamos expandindo nossa escola em Kibera. Temos uma gama de serviços e aprimoramos o empoderamento da comunidade e dos programas para jovens. Intensificamos nossa programação e já estamos vendo a mudança. É incrível. Mas este é apenas o começo!

Percebi que poderíamos começar uma mudança em nossa comunidade naquele momento. Não precisávamos esperar por ajuda ou nos sentir impotentes.

Nossas meninas podem viver em favelas, mas todos os dias elas provam que não há nada que às impeçam de alcançar seus sonhos.

Como as escolas do Shofco beneficiam a comunidade em geral, e como você faz as pessoas se interessarem e apoiarem as iniciativas, especialmente quando estão vivendo na pobreza?

Nossas escolas beneficiam a comunidade em geral, porque os serviços essenciais estão ligados às instituições. Temos centros de saúde, clínicas satélites, saneamento, latrinas químicas, quiosques de água limpa, um centro de informática, programas de empoderamento econômico, e muito mais.

Há algumas razões para que as pessoas se interessem e se envolvam. Primeira, começamos da base, e nossa equipe do programa no Quênia é do local. O Shofco não é uma organização criada por pessoas de fora — e sim pelo povo de Kibera. Quando iniciamos em Mathare, não construímos nada lá porque pensamos que as pessoas de Mathare queriam fazê-lo. Alguns membros comprometidos com a comunidade vieram até nós e nos levaram à região para obter o Shofco. Queriam empoderar a comunidade e tiveram a iniciativa de começar o nosso projeto. Nós os auxiliamos com a criação de infraestrutura e os orientamos, mas a comunidade é dona do Shofco. As pessoas se sentem proprietárias do Shofco e que pode haver esperança em meio à pobreza. É por isso que elas nos apoiam.



▲ Estudantes da Escola Kibera para Meninas

Você poderia nos dizer quais os vínculos entre melhorar a igualdade de gênero, fornecer educação a meninas e a quebra do ciclo de pobreza urbana?

Acreditamos na liderança feminina como a chave para melhorar a igualdade de gênero. Quando as mulheres têm os mesmos direitos e oportunidades que os homens, podemos quebrar o ciclo de pobreza. Meninas letradas são menos propensas a casar cedo, têm menos probabilidade de contrair HIV e de não ter filhos tão jovens. Quando investimos em mulheres e meninas, os dados comprovam que elas investem em suas comunidades. Há tantas barreiras em favelas e áreas de extrema pobreza em todo o planeta — físicas ou culturais — que impedem as mulheres de acessar os mesmos recursos que os homens. Quando as mulheres não possuem os mesmos direitos e oportunidades que os homens, estamos usando menos da metade do capital humano do mundo. Então, como esperamos acabar com a pobreza?

Como mede o sucesso das escolas do Shofco?

Medimos o sucesso tanto com os padrões acadêmicos quanto por padrões socioemocionais. Nossos alunos participam de exames nacionais e têm se colocado de forma consistente nas três melhores escolas em nosso município, órgão que conta com cinquenta instituições no total e é um dos mais ricos de África. Eles também ganharam prêmios em concursos nacionais de poesia e de dicção. Nossas meninas



▲ Clínicas de saúde gratuitas do Shofco fornecem uma gama de serviços, incluindo cuidados pediátricos

podem viver em favelas, mas todos os dias elas provam que não há nada que as impeçam de alcançar seus sonhos.

Também notamos maior envolvimento dos pais, apoio psicossocial para o engajamento familiar e das meninas. Assim, pais e defensores de educação têm a chance de participar de nossos programas comunitários e de saúde.

Quais são os desafios que enfrenta em seu trabalho, e o que sustenta sua esperança?

Alguns dos desafios que enfrentamos são os que, com certeza, outras organizações também enfrentam, tais como expandir nosso trabalho de forma consciente e impactante. E o mais importante é que sempre penso em como educar nossas meninas para o sucesso e garantir sua segurança e seu bem-estar. Como assinalamos o segundo ano desde o sequestro de mais de 270 meninas da Escola Secundária de Governo no vilarejo de Chibok, na Nigéria, tenho pensado muito sobre a importância da educação delas e das comunidades. Combater a desigualdade de gênero não é uma solução rápida, é um problema profundamente enraizado dentro das culturas e da nossa sociedade como um todo.

O que sustenta minha esperança são nossas meninas. Sei que elas têm o potencial para serem líderes no Quênia e em todo o mundo. Elas serão as únicas a mudar a situação atual e serão inovadoras.

Qual é a visão do Shofco para o futuro?

Nossa visão é construir a promessa de urbanização, partindo da pobreza, para que todos possam viver com esperança e oportunidade. Nós estamos comprometidos a alcançar isso de duas maneiras: primeira, aprofundando nosso trabalho nas comunidades que servem atualmente Kibera e Mathare; e, segunda, expandindo para outras favelas, utilizando nosso modelo de liderança de base e envolvimento da comunidade.



Kennedy Odede é fundador e CEO de Shining Hope for Communities (Shofco), coautor do The New York Times best-seller *Find Me Unafraid: Love, Loss, and Hope in an African Slum* (Encontre-me Sem Medo: Amor, Perda e Esperança em uma Favela Africana) e copresidente do Painel de Juventude para a Comissão Internacional sobre Oportunidade de Financiamento para Educação Global. Embora informalmente escolarizado, ele foi uma das primeiras pessoas de Kibera a receber educação de uma escola de artes liberais americana.

Dar um rosto humano ao conflito

Vendo além do esperado

Lisa Gossels

*Para superar o conflito, é necessário ver definições dualistas do passado que criaram a “alteridade”, categorizando as pessoas como “amigas” ou “inimigas”, ou os sistemas de crença como “certo” ou “errado” e aprender a ver a humanidade que nos une, diz a documentarista **Lisa Gossels**. Todos possuem uma história, se apenas pararmos para ouvir...*

Pelo que me lembro, as pessoas me contavam suas histórias. Eu, por minha vez, sempre adorei ouvi-las. Acho os seres humanos inspiradores, fascinantes, complexos, cheio de contradições e frequentemente corajosos: às vezes, suportando dores invisíveis ou desafios pessoais que estão em processo de superar — sem deixar que os outros saibam. Na maioria das vezes, essas histórias podem nos ensinar algo novo e nos ajudar a pôr nossa própria vida e situações em perspectiva.

Tornei-me documentarista de questões sociais para entreter, inspirar e ampliar a voz das pessoas cujas histórias são geralmente sub-representadas na grande mídia. *The Children of Chabannes* [As Crianças de Chabannes] e *My So-Called Enemy* [Meu Suposto Inimigo] são filmes focados nas personagens e tratam do melhor que pode existir na humanidade em tempos de grandes conflitos, e o poder que temos como indivíduos para fazer a diferença no mundo.

Meus documentários enaltecem pessoas que se levantaram contra as normas sociais e encontraram a coragem moral para falar suas verdades pessoais e agir diante da injustiça e políticas populares seguindo sua consciência.

A história do meu pai

Venho de uma família de contadores de histórias por natureza. Mas foi a do meu pai ou a versão da história de sua infância que ele contou para mim e meus irmãos quando éramos pequenos que me levou, 25 anos depois, a fazer meu primeiro documentário, *The Children of Chabannes* [As Crianças de Chabannes].

Meu pai, Peter Gossels, advogado ainda ativo em Boston, Massachusetts, nasceu em 1930, em Berlim, Alemanha. O irmão dele, Werner, nasceu em 1933. Os pais de Peter e Werner se divorciaram bem antes de 1938, quando a mãe deles, Charlotte, tomou a decisão mais dolorosa de mandar os dois filhos à França para fugir da violência antissemita nazista que tornava cada vez mais perigosa a vida dos judeus que viviam na Alemanha.

Levou um ano para a mãe deles conseguir os vistos da embaixada francesa em Berlim para os filhos. Em 3 de julho de 1939, apenas alguns meses antes do início da Segunda Guerra Mundial, minha avó Charlotte viu os filhos de 5 e 8 anos partirem de uma estação de trem, graças a uma



▲ Peter e Werner Gossels durante a filmagem de *The Children of Chabannes* [As Crianças de Chabannes]

organização judaica chamada Joint Distribution Committee que existe hoje.

Embora eles recebessem muitas cartas de sua mãe, nunca chegariam a vê-la novamente. Incapaz de conseguir US\$ 100 necessários para um visto de emigração para os Estados Unidos, minha avó foi assassinada (junto com outros integrantes da minha família) em Auschwitz.

Escolhendo ação sobre a indiferença

Em *As Crianças de Chabannes*, conhecemos as pessoas da pequena vila francesa de Chabannes, três horas ao sul de Paris, que escolheram a ação sobre a indiferença e arriscaram a vida e a subsistência para salvar mais de 400 crianças refugiadas judaicas durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo meu pai e meu tio. Eles fizeram isso em comum acordo com a OSE (Oeuvre de Secours aux Enfants), organização judaica para o bem-estar das crianças, que operava catorze casas na França durante a guerra, incluindo a Château de Chabannes, e salvou mais de 5 mil crianças da morte certa.

O documentário *As Crianças de Chabannes* preconiza o resgate como forma de resistência, inclusão e tolerância. É uma exploração da bondade diante do mal — sobre o que motiva os indivíduos a se levantarem contra a injustiça, a intolerância e o extremismo. No final, é um filme sobre o amor.

Quando chegaram a Chabannes, as crianças e os jovens que tinham de 2 a 18 anos não falavam o francês. Para que se integrassem e não chamassem a atenção como estrangeiros ou refugiados judeus, era importante que se aperfeiçoassem no idioma e recebessem boa educação.

O desafio para o vilarejo e para a comunidade era não somente abrigar, criar e abraçar essas crianças e jovens, mas integrá-los ao sistema educacional local. O mais importante é que eles não fossem traídos e denunciados para as autoridades locais que estavam diretamente ligadas ao regime nazista. Enquanto tragicamente houve a deportação de quatro crianças para os campos de morte, dali em diante, graças à coragem de seus cuidadores, mais nenhuma criança e nenhum jovem foram levados.

Uma razão para tantas histórias extraordinárias sobre o resgate e a sobrevivência de judeus durante esse período obscuro na história é que muitas pessoas foram salvas não apenas por suas próprias estratégias ou com a ajuda de organizações como a OSE, mas porque indivíduos comuns agiram para ajudá-los em vez de virar o rosto.

Durante a guerra, os Estados Unidos fecharam as portas para a maioria dos refugiados judeus que buscaram refúgio lá. Graças aos esforços de Joint Distribution Committee, United Jewish Appeal, American Friends Service Committee (Quakers), Eleanor Roosevelt e outros, algumas centenas de crianças

judias, a maioria órfãs, conseguiram chegar com segurança a esse país. E foi assim que meu pai e meu tio tiveram a grande sorte de chegar a Ellis Island, em Nova York, em setembro de 1941, realizando o “sonho americano” deles.



▲ Gal, israelense, e Rezan, palestina; duas das meninas em *My So-Called Enemy* [Meu Suposto Inimigo] numa barreira de separação em Israel

Meu pai, a partir de então, concentra suas energias no que ele chama de “ser um membro contribuinte da sociedade”. Ele foca na gratidão, na generosidade e em fazer um bom trabalho, em ajudar os outros em vez de viver no passado. Ainda está lá, a dor daquela história, embora ele raramente compartilhe isso conosco. A história do meu pai ajudou a formar minha identidade e minha paixão por justiça social.

Vendo o “inimigo” como humano

Meu segundo filme, *My So-Called Enemy* [Meu Suposto Inimigo], acompanha a trajetória de seis corajosas adolescentes palestinas e israelenses — Adi, Gal, Hanin, Inas, Rawan e Rezan — que participaram de um programa de liderança feminina nos Estados Unidos chamado *Construindo Pontes para a Paz*. O filme documenta como a experiência transformadora de conhecer seus “inimigos” como seres humanos se choca com a realidade da vida delas em seu lar no Oriente Médio ao longo dos sete anos que se seguiram.

Fundamentalmente, *Meu Suposto Inimigo* trata do papel vital do “ouvir” e da empatia para a construção de pontes através de todos os tipos de diferenças e como a construção de relacionamentos pessoais, acima das diferenças culturais, religiosas, étnicas ou físicas, são os primeiros passos rumo à resolução do conflito.

Quando pensamos sobre os conflitos em nossas famílias, nas escolas, nas comunidades religiosas ou no mundo como um todo, a primeira e mais fácil suposição é a de que existem apenas dois lados: o certo e o errado — minha verdade *versus* sua verdade — ou a de que “se você está a favor deles, está contra nós”. Na realidade, mais de uma narrativa pode existir

ao mesmo tempo; todos possuem o direito de ter os próprios sentimentos e sua própria história.

Citando Melodye Feldman, que fundou o programa *Construindo Pontes para a Paz*, “resolver o conflito não significa que temos de concordar uns com os outros, porque na sociedade não somos pessoas com a mesma opinião. O conflito Israel-Palestina não é o único do mundo. Há conflitos dentro das famílias em que as pessoas estão perdendo a vida. Muitas delas são mulheres e crianças. Então a questão: ‘Como vamos permanecer nesta sociedade e nestas famílias sem nos matarmos?’”.

Adi, que é israelense e judia, expressa sentimentos similares no filme quando afirma: “Para dizer a verdade, não acho que haverá paz. Não nesta geração. Mas acredito num cessar-fogo, e não creio que temos de viver em meio a tanta violência. A paz é para os políticos. Não gosto da palavra ‘paz’ e parei de procurar por ela. Estou em busca de justiça e compreensão. Algo que é muito mais realista para mim”.

Quebrando estereótipos com o diálogo

Sendo cineasta judia, praticante de ioga budista, eu queria que *Meu Suposto Inimigo* operasse no “nível do coração” — trazendo o político para o pessoal a fim de romper com os apegos das pessoas, os preconceitos e os estereótipos negativos sobre palestinos, israelenses, muçulmanos, judeus e cristãos — colocando uma face humana no conflito israelense-palestino e, em virtude disso, em todos os conflitos.

Ultimamente, estou vendo uma tendência perigosa com relação a generalização e intolerância contra muçulmanos e judeus nas mídias sociais e também uma tendência, particularmente nas faculdades e nos campus universitários,

Suposições são frequentemente falsas e nunca contam toda a história. É assim que os conceitos de “alteridade” e “inimigos” são criados.

de constranger ou marginalizar indivíduos com pontos de vista diferentes. Tenho observado ainda que, às vezes, o senso de identidade das pessoas está baseado no apego a uma causa particular ou narrativa pessoal que torna difícil para elas ouvirem um ponto de vista com o qual não concordam. Essa é a razão pela qual a resolução de um conflito pode ser tão difícil.

Em um momento do filme, Rawan, que é palestina e muçulmana, diz: “Existem muitas coisas com as quais uma pessoa pode se parecer; e você está 100% certo de que os indivíduos são aquilo que aparentam. Mas quando conversa



▲ Adi, israelense, e sua amiga Rana, palestina, no programa *Construindo Pontes para a Paz* em 2002

com eles, você se surpreende, pois são completamente o oposto do que imaginava: por exemplo, quem quer que olhe para mim poderia dizer ‘Não, você não é árabe’. Mas eu digo ‘Ei cara, sou árabe!’. Então, não se prenda à primeira impressão, porque se não gosta dela, não irá se aproximar da pessoa. Penso justamente o contrário: se você não gosta da pessoa, deveria se aproximar para saber quem ela realmente é”.

Quando Rawan diz “Não se prenda à primeira impressão”, na verdade ela está falando sobre não fazer julgamentos imediatos a respeito da identidade. As pessoas frequentemente fazem rápidas suposições sobre os outros com base na cor da pele, em sua religião, nas roupas que vestem ou nos sotaques — basicamente coisas externas. Essas suposições são geralmente falsas e nunca contam toda a história. É assim que os conceitos de “alteridade” e “inimigos” são criados.

A identidade é mais complicada pelo fato de que, na maioria, os rótulos são muito rígidos. Os mais preocupantes são os estereótipos rápidos e fáceis que estão criando divisões e guerras no nosso mundo. Derrubá-los é essencial — e uma das coisas mais urgentes do nosso tempo.

Quando as participantes do *Construindo Pontes para a Paz* voltaram para casa depois do programa de verão de 2002, elas muitas vezes se sentiram isoladas em seu novo entendimento. Vemos no filme que viver com o conhecimento do “outro” e

do conflito é muito mais difícil que viver na ignorância. Fiz *Meu Suposto Inimigo* porque acredito que nossa única esperança está em entender uns aos outros. Como Adi fala perto do fim do filme, “Não há desculpas para não haver diálogo”.

Realmente acredito não há como você encontrar o “inimigo”, o “outro” ou alguém que você não conhece e não mudar. Tudo o que precisa para conhecer alguém é fazer algumas perguntas. Quando você faz isso, descobre que todas as pessoas são notáveis e únicas — que ninguém quer ou merece ser estereotipado, e que nós temos mais coisas em comum do que coisas que nos separam.



Lisa Gossels é documentarista ganhadora do Emmy Award e mora na cidade de Nova York. Seus filmes, *The Children of Chabannes* [As Crianças de Chabannes] e *My So-Called Enemy* [Meu Suposto Inimigo], vêm acumulando vários prêmios e homenagens. Palestrante muito procurada e educadora visitante, ela usa seus documentários e workshops como ferramentas para promover o diálogo e construir pontes de entendimento sobre as diferenças. Também produz e dirige vídeos para organizações engajadas em mudança social positiva.



▲ Operador de caixa distribuiu sacolas de supermercado reutilizáveis em uma loja em Pasadena, Califórnia. A consciência e o comportamento do consumidor são vitais para reduzir o uso de plásticos baratos e descartáveis

Além das manchas de lixo no oceano

Análise profunda sobre a história do plástico

Nate Maynard

*A poluição por plástico nos oceanos se tornou motivo de preocupação global, mas limpá-los não é a solução, escreve **Nate Maynard**.*

Baratos, leves, flexíveis e estéreis, os plásticos fazem parte da vida. Cada objeto que tocamos é feito de plástico ou contém plástico em sua composição. O baixo custo e a versatilidade os tornaram abundantes e difíceis de serem controlados e todos esses fatores combinados resultaram no problema colossal do lixo plástico.

A poluição por plástico no oceano despertou, em particular, a preocupação pública, e dificilmente se passa uma semana sem notícias de um empreendedor com uma proposta para solucionar o problema. Entretanto, embora o aumento da atenção sobre a poluição de plástico seja bem-vindo, nosso foco míope sobre o plástico do oceano, na realidade, limita nossa habilidade de mudança efetiva. O problema e a solução não se encontram na engenharia humana, mas nas histórias que criamos sobre a poluição por plástico.

A vida e a morte do plástico

A forma mais visível de dano pelo plástico é o detrito marinho. Imagens de focas emaranhadas em redes de pesca descartadas, tartarugas sufocadas por sacos plásticos e corpos de pássaros cheios de objetos plásticos perturbam e nos motivam a agir. Mas produtos refinados do petróleo,

na verdade, afetam incontáveis comunidades humanas e animais desde o momento da extração até o seu descarte. Vamos analisar atentamente a típica história de vida útil do plástico:

Extração

- Poluição do ar e da água
- Desenvolvimento industrial
- Conflitos de terra

Produção/ Uso

- Transporte (derramamento)
- Saúde humana
- Poluição do ar e da água

Descarte

- Incineração
- Reciclagem
- Detritos marinhos
- Lixo

Primeiro, o petróleo é extraído após a perfuração da crosta terrestre. Cada vez mais essas fontes de petróleo são provenientes de ambientes naturais mais distantes (mais primitivos). A extração do petróleo também requer a criação de estradas, o que destrói habitats e gera outras formas de poluição.

O transporte por navio, oleoduto, trem ou caminhão é, então, necessário para levar o petróleo da extração à

refinaria. É quando acontecem vazamentos. Na refinaria, um nível completamente novo de poluentes é liberado e com frequência termina em comunidades de baixa renda que são tradicionalmente formadas por negros, latinos ou indígenas.

Uma vez refinado em produto útil, os fabricantes adicionam outros componentes químicos que causam mais impactos à saúde dos usuários finais. Pobres, que têm poucas opções de obter produtos verdes, geralmente apresentam níveis mais elevados de exposição.

Por fim, chegamos ao descarte — os finais. Aqui, existem vários caminhos, cada um com graus variados de impacto. Apesar de ser a melhor opção, a reciclagem tem de fato sua própria forma de impacto ambiental com o refinamento, o transporte e o vazamento. A taxa de reciclagem do plástico é muito baixa quando comparada a outros materiais.

O plástico também contamina outros fluxos de resíduos e pode reduzir sua eficácia. Caso não seja reciclado, ele é aterrado ou incinerado, o que por sua vez degrada a qualidade do ar.

Além do mais, o plástico que escapa dos pontos de coleta entra em nossas bacias hidrográficas. Uma vez que tenha danificado os sistemas de água terrestre, inevitavelmente vai para o mar. A exposição ao sol e à ação das ondas fragmentam o plástico em partículas microscópicas, distribuindo-as pela coluna d'água. Em geral, a maioria do plástico que entra no oceano afunda ou é consumida por peixes; só uma porção permanece na superfície.

Mesmo se pudéssemos “limpar” todo o plástico do oceano, na verdade, acabaríamos enterrando-o ou incinerando-o. O plástico do oceano é altamente misturado e, geralmente, de baixa qualidade, o que significa que não pode ser reciclado.

O triste fato é que o plástico nas manchas de lixo do oceano já fez seu estrago e o foco em tentar limpá-lo somente nos distrai da melhor solução.

O que deveríamos fazer?

Mantendo a estrutura do nosso ciclo de vida em mente, podemos ver facilmente melhorias para conjunturas críticas. Três áreas de mudança estrutural são: taxa de carbono, concepção do ciclo de vida e gerenciamento do lixo.

Taxa de carbono: Essa taxa desencorajaria o uso de combustíveis fósseis e aumentaria o preço do petróleo. Isso reduziria a produção frívola de plástico, tornando seu preço comparável ao de alternativas para esse material. Vários substitutos para o plástico, tais como aquele feito de algas, de resíduos vegetais ou até plásticos recicláveis, se aproximam muito do preço do plástico virgem, mas as empresas se recusam a mudar para essas opções devido à ênfase nos lucros

e à falta de familiaridade com as propriedades estruturais de substitutos para o plástico.

Concepção do ciclo de vida: Desenvolvedores de produto usam plástico porque é barato, comum e se encaixa em um conceito linear no desenho do produto. Um produto nasce, é usado e então descartado. E se em vez disso adotássemos um pensamento circular e considerássemos os produtos como parte de um sistema maior? Os conceitos de economia circular e do Berço ao Berço oferecem possibilidades emocionantes a esse respeito.

Gerenciamento do lixo: Fora da Europa, a maior parte do mundo tem sistemas de lixo terríveis. Os dos Estados Unidos e os da Austrália são especialmente ruins devido aos baixos preços de terrenos para aterros sanitários. Quando aterros sanitários são baratos, faz sentido utilizá-los em vez de focar em reciclagem.

Essas são imensas soluções no nível macro com a mesma magnitude de uma grande limpeza do oceano. Em vez de concentrarem em um sintoma, tais soluções focam em desafios sistêmicos, no quadro geral. Já gastamos milhões de dólares com ideias que não conseguirão fugir ao inevitável; não é tarde para mudar essa história e começar a fazer mudanças de verdade.

O que podemos fazer?

A coisa mais importante que você pode fazer é discutir sobre lixo — falar de lixo, literalmente. Frequentemente ignoramos nosso lixo. Jogamos coisas “fora”, mas onde exatamente é “fora”? Raramente falamos de onde as coisas vêm, quem as faz ou para onde elas vão. Simplesmente consumimos e seguimos em frente.

Sozinho, você pode fazer pouco; mas conversar com amigos e familiares, desenhar novos produtos, apoiar novos sistemas de gerenciamento de lixo, reaproveitar, ensinar e divulgar a mensagem podem mudar muito as coisas



Nate Maynard tenta impedir a degradação do ecossistema global por meio de uma abordagem integrada usando cultura, ciência e novas mídias. Atualmente, pesquisa a economia de recifes de corais em Taiwan com uma bolsa Fullbright. Além disso, colabora com a Global Ocean Trust, uma organização não governamental (ONG) que aproveita tecnologia e finanças para a conservação marinha duradoura. Seu animal espiritual é o polvo, e ele adora cerveja artesanal.

É preciso terminar o que começamos

Colocar um ponto final na proliferação nuclear

Entrevista com Lassina Zerbo

*O Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT) é um dos instrumentos mais importantes para o desarmamento nuclear e a não proliferação, proibindo todas as explosões experimentais de armas nucleares ou outras explosões atômicas. **Lassina Zerbo**, secretário executivo da Comissão Preparatória do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBTO), organização encarregada de validar as regras do CTBT e de incentivar os países a assinar e ratificar o tratado, fala sobre a importância do tratado para todos nós.*

Por que o Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares é importante, e como sua entrada em vigor mudaria as coisas no mundo?

O Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT) proíbe definitivamente todas as experiências com armas nucleares. Já foram realizados testes nucleares na superfície da terra, na atmosfera, debaixo de água e no subsolo. A vigência do CTBT impediria que isso acontecesse.

Em termos de segurança internacional, com a vigência do CTBT, seria mais difícil para os países realizar testes nucleares pela primeira vez, evitando dessa forma o desenvolvimento de bombas mais potentes. Assim, o CTBT seria um confiável agente internacional no combate da não proliferação nuclear, conduzindo-os ao desarmamento nuclear.

Para o meio ambiente, a proibição de testes nucleares evitaria enorme dano a todos os seres vivos que continua a ocorrer como resultado de ações realizadas anteriormente. A radioatividade liberada por esses testes nucleares, especialmente durante a segunda metade do século 20, fez com que alguns lugares ao redor do planeta se tornassem inabitáveis. É essencial adotarmos normas jurídicas vinculativas que visem impedir novos testes.

Como a comissão trabalha para ratificar o tratado, e quais são os principais obstáculos a serem superados?

Dos 183 países que assinaram o tratado, 164 também o ratificaram. O tratado especifica 44 países que devem ratificá-lo para que possa entrar em vigor. Destes, 36 já o fizeram, incluindo três países que possuem armas nucleares: França, Rússia e Reino Unido. Restam ainda oito países que não o ratificaram: China, Egito, Irã, Israel e Estados Unidos, dos quais Índia, Paquistão e Coreia do Norte não o assinaram. A Comissão Preparatória do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBTO) trabalha para que vários elementos do tratado como o Sistema Internacional de Monitorização (SIM — IMS, na sigla em inglês), o Centro Internacional de Dados (IDC) e o Departamento de Inspeção Local (OSI), estejam prontos para serem implementados, assim que ele for ratificado por esses oito países restantes, chamados de Anexo 2. Essas implementações já estão em vigor nos países homologados. Há quinze anos existia a preocupação de que tais implementos e a tecnologia necessária não avançassem o suficiente para garantir a adesão internacional ao tratado — fato que, atualmente, foi superado. O sistema detectou todos os testes da Coreia do Norte, anunciados em 2006, 2009, 2013 e 2016. O tratado e o regime de verificação estão preparados e apenas aguardando a vontade política para entrar em vigor.



▲ A equipe CTBTO a caminho das ilhas Crozet ao sul do Oceano Índico para estabelecer a última das onze estações hidroacústicas a ser certificada como parte do Sistema Internacional de Vigilância (fevereiro de 2016)



▲ Estação de infrassons em Qaanaaq, Groenlândia, parte de uma rede global hi-tech que monitora testes nucleares

O CTBT contém uma ferramenta especial para promover sua vigência. A Conferência do Artigo XIV, que acontece a cada dois anos — a última foi realizada em Nova York em 2015 —, visa fomentar a entrada em vigor do CTBT. A CTBTO também convoca reuniões periódicas dos Estados-membros e não membros e da sociedade civil e oferece cursos de formação para acadêmicos. Em junho deste ano, a CTBTO realizou a Conferência Ministerial de Alto Nível, na qual todos os Estados, incluindo os não signatários, foram convidados a participar e expressar suas necessidades, preocupações e demandas de segurança, para que pudéssemos discutir e abordar essas questões que bloqueiam diretamente a entrada em vigor do tratado.

O principal problema para isso acontecer não é mais de uma questão técnica. Para mim, trata-se da falta de vontade política e de confiança mútua. Isto é quase paradoxal: existe uma desconfiança entre os Estados não signatários e é exatamente essa mudança de comportamento que irá resolver toda essa questão. Para tanto, será necessário construirmos a confiança para que os oito países restantes do Anexo 2 ratifiquem os termos do tratado. Neste ano, completamos vinte anos desde que o CTBT está aberto a assinaturas. Nosso lema agora é “Vamos Terminar o que Começamos”.

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, observou que “mesmo antes de entrar em vigor, o CTBT está salvando vidas”. Você poderia explicar quais são as principais realizações do tratado, apesar de não ter validade?

Quando o SIM estava sendo elaborado, tinha um objetivo: detectar explosões nucleares. E assim, logo os cientistas perceberam que vários benefícios, civis e científicos poderiam ser aproveitados dessa tecnologia que estava sendo implementada.

Por exemplo, o SIM detecta terremotos, incluindo aqueles que ocasionam tsunamis. A informação é captada por estações sísmicas e hidroacústicas que monitoram o solo e os oceanos, respectivamente. Ela é fornecida pela CTBTO, quase em tempo real, para os centros de alerta, em particular aqueles que cobrem os Oceanos Pacífico e Índico, para ajudá-los a emitir avisos mais oportunos e precisos. Atualmente, os centros de alerta de tsunami em catorze países recebem dados de cerca de cem estações SIM.

Além disso, as estações de infrassom do CTBTO registram qualquer fonte de infrassons em larga escala em qualquer lugar do planeta. As estações detectam, por exemplo, erupções vulcânicas ou quebra de camadas de gelo. Os Estados-membros da CTBTO e as instituições internacionais e nacionais, responsáveis pela aviação e segurança marítima (vulcões submarinos), recebem essa informação para que possam alertar os cidadãos.

A CTBTO também tem sensores extremamente sensíveis para detectar radioatividade, que, além de detectar explosões nucleares, captam a dispersão de radioatividade proveniente de outras fontes em qualquer lugar do mundo, incluindo acidentes ocorridos em usinas nucleares. Tais informações

são disponibilizadas a todos os Estados-membros da CTBTO, cujas agências de saúde pública e de combate à radiação podem usá-las para comunicar à população. Este foi o caso durante o acidente da central de Fukushima 2011, quando nossos dados foram compartilhados com a Organização Mundial da Saúde e com as autoridades japonesas para que pudessem divulgar alertas com maior precisão.

A cada dois anos, novos usos civis e científicos para os dados da CTBTO são apresentados na Conferência de Ciência e Tecnologia CTBTO. Em 2015, tivemos mais de 1.100 participantes e 550 resumos detalhando as formas pelas quais os dados da CTBTO podem ser utilizados visando a proteção do meio ambiente e a pesquisa científica durante os alertas de desastres e mitigação. Assim como afirmou Ban Ki-moon, estou plenamente de acordo que a CTBTO de fato já salva vidas.

No que diz respeito à meta de abolição das armas nucleares, qual a sua visão do significado da Declaração Conjunta sobre as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares apresentada na última Conferência Nuclear de Não Proliferação das Armas Nucleares?

A declaração conjunta sobre as consequências humanitárias das armas nucleares foi bastante significativa e recebeu muito apoio. Nesse contexto, é também importante notar que, embora a Conferência de Revisão não tenha atingido os resultados pretendidos, em geral houve consenso sobre a importância de tornar o CTBT uma norma vigente.

Às vezes, a questão da não proliferação e do desarmamento pode se perder no mar de outras preocupações prementes dos Estados e das pessoas. No entanto, os perigos apontados pelas armas nucleares existem ainda hoje, e temos de enfrentá-los de forma proativa em vez de reativa. As consequências de perder o foco sobre as questões de não proliferação e do desarmamento são graves.

É igualmente importante, que se tenha uma abordagem inclusiva e holística em relação à não proliferação e ao desarmamento e evitar as armadilhas “para encurtar o caminho”. O CTBT é parte de um todo maior e um primeiro e confiável passo essencial em direção ao objetivo final de eliminar as armas nucleares por completo.

Considero que o CTBT seja “fruto maduro” em controle de armas. Estamos muito perto de transformar vinte anos de esforço em realidade na questão da abolição de testes nucleares. O regime de verificação está bem estabelecido e pronto para entrar em vigor. É importante não perdermos de vista o curto prazo e o que já atingimos. Correndo o risco de ser repetitivo: é hora de terminar o que começamos.

Você se sente esperançoso com a perspectiva de um mundo livre de armas nuclear? Caso acredite nisso, o que inspira esta esperança?

Eu me sinto muito esperançoso. Os Estados, as organizações, a sociedade, os órgãos públicos e os jovens para quem falo devem se esforçar em direção a um mundo livre de armas nucleares. Enquanto houver esses apoiadores, eu me sentirei esperançoso.

Não devemos nos esquecer de quanto caminhamos até aqui. Hoje, há uma quantidade menor de armas nucleares no planeta, desde meados de 1950 (cerca de 16 mil ogivas). Fizemos progressos. No entanto, entendo que muitos Estados desejam acelerar o processo rumo ao completo desarmamento.

O Plano de Ação do TNP (Tratado de Não Proliferação Nuclear) 2010 delineou o roteiro para a não proliferação e o desarmamento progredirem juntos. O ponto 10 do plano de ação apelou a todos os Estados para que ratifiquem o CTBT. Reitero esta necessidade. O CTBT é atualmente uma das maneiras mais fáceis e menos controversas sobre o controle de armas nucleares. Lembre-se, há apenas um país neste século, que tem testado armas nucleares. Precisamos transformar a moratória sobre os ensaios nucleares de fato (voluntárias) em de jure (efeito jurídico permanente).

Por que não podemos ousar pensar em um mundo sem armas nucleares? Um CTBT em vigor pode ser o ponto de partida para aumentar a confiança para concretizar o objetivo maior, se não por nós, por nossos filhos e pelo futuro deste planeta.

Saiba mais sobre o tratado e o trabalho da CTBTO em www.ctbto.org.



Lassina Zerbo é secretário executivo da CTBTO desde 2013. Anteriormente, foi diretor do Centro Internacional de Dados da organização. Em seu papel como secretário executivo, iniciou a criação de um grupo de pessoas eminentes para convencer os países recalcitrantes a aderir ao tratado. É PhD em geofísica pela Universidade de Paris XI, França, e é natural de Burquina Faso.



As limitações da competição militar

Daisaku Ikeda

▲ Manutenção da estação de infrassons IS55, Windless Bight, Antártica, uma das 337 instalações globais do Sistema Internacional de Monitorização da CTBTO

Existem no mundo mais de 15 mil armas atômicas. A sua utilização tornaria inútil todos os esforços da humanidade para resolver num instante os problemas mundiais. Tomando como exemplo a crise dos refugiados, as consequências de uma explosão nuclear atravessariam fronteiras nacionais, criando, com certeza, uma crise humanitária de proporção muito maior do que os atuais 60 milhões de envolvidos.

Centenas de milhões de pessoas poderiam sair à procura de segurança. Da mesma forma, por mais elevado que seja o número de pessoas evitando a degradação do solo, uma explosão nuclear poluiria vastas extensões da terra — na qual um centímetro levaria mil anos para se reconstruir.

Uma pesquisa recente alerta sobre o impacto devastador de uma investida nuclear, ainda que limitada geograficamente, na ecologia mundial. O impacto no clima do planeta prejudicaria a produção de alimentos, resultando em uma “fome nuclear”.

Até o momento, os esforços para combater a pobreza e melhorar a saúde pública pelos ODM [Objetivos de Desenvolvimento do Milênio] produziram resultados significativos. Este trabalho continua com o quadro de acompanhamento, os ODS [Objetivos de Desenvolvimento

Sustentável], em áreas da redução do risco de desastres e cidades sustentáveis. A existência de armas nucleares ameaça anular tudo isso.

Qual é então o propósito da segurança nacional garantida pelas armas nucleares, se sua utilização produz inevitavelmente consequências catastróficas e resulta em imenso sofrimento e sacrifício para todo o mundo? Em que consiste exatamente o que está protegido por um regime de segurança que tem como premissa a possibilidade de causar danos irreparáveis para um grande número de pessoas? Não é este um sistema no qual o verdadeiro objetivo de segurança nacional — proteger as pessoas e sua vida — foi de fato abandonado?

Competição humanitária

Em 1903, no início da fase de competição militar mundial que continua até hoje, o presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi, argumentou que, quando determinado modo de competição se mostra ineficaz em atingir suas finalidades, impulsiona uma transformação na forma e natureza da competição humana.

Quando hostilidades persistem durante um longo período de tempo, vários aspectos da vida doméstica são afetados,

conduzindo inevitavelmente ao esgotamento da força de cada nação. Essas perdas não podem ser compensadas pelo que se ganha com a guerra.

As limitações da competição militar que Makiguchi observou tornaram-se inegavelmente evidentes ao longo de duas guerras mundiais e na competição nuclear que começou durante a Guerra Fria e persiste até hoje.

Como o impacto humanitário e a limitada eficácia militar das armas aniquiladoras se tornaram mais evidentes, a existência delas é, em essência, inútil. Por ter alcançado os limites da competição militar, agora podemos ver sinais da emergência de um novo modo de competição internacional, erguido pelo esforço mútuo dos objetivos humanitários.

Um exemplo está nas várias contribuições feitas pelo Sistema Internacional de Monitorização (SIM) surgido com a aprovação do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT) em 1996. O CTBT ainda não foi ratificado por oito dos países cuja legitimação é necessária para entrar em vigor, mas já está em operação o SIM, lançado pela Comissão Preparatória do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBTO) para detectar uma explosão nuclear em qualquer lugar do mundo.

A sua principal função foi novamente demonstrada na rápida detecção das ondas sísmicas e da radiação a partir do recente teste nuclear norte-coreano. Além disso, a rede mundial SIM é usada para reunir dados sobre desastres naturais e o impacto das alterações climáticas. Que incluem: fornecimento de informações sobre terremotos submarinos aos centros de alerta de tsunami; vigilância em tempo real de erupções vulcânicas para que as autoridades da aviação civil emitam alertas; o monitoramento de eventos climáticos de grande escala e a queda dos bancos de gelo. O sistema é comparado a um estetoscópio gigante para a Terra.

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, observou: “Mesmo antes de entrar em vigor, o CTBT está salvando vidas”. De fato, o Tratado e o seu regime de verificação, originalmente concebidos para conter a corrida pelas armas nucleares e proliferação nuclear, tornaram-se defesas humanitárias essenciais, protegendo a vida de inúmeras pessoas.

Este Tratado foi adotado há vinte anos. Peço aos oito Estados restantes que ratifiquem o CTBT, assim que possível, para reforçar a sua eficácia e garantir que as armas desumanas nunca mais sejam testadas de novo em nosso planeta.

Naturalmente, devemos acelerar os esforços pelo desarmamento atômico e sua abolição. Ao mesmo tempo, devemos continuar a desenvolver atividades que surgiram a partir do CTBT, para impulsionar um mundo que dê prioridade maior a objetivos humanitários.

Em setembro de 1957, no meio do agravamento do antagonismo da Guerra Fria e da corrida armamentista nuclear, meu mestre, Josei Toda, fez uma declaração solicitando a abolição das armas nucleares:

Ainda que neste momento cresça no mundo inteiro o movimento para abolir os testes nucleares, meu desejo é atacar o mal pela raiz: cortar as garras ocultas na sua origem.

Ao mesmo tempo em que expressa sua compreensão pelo brado das pessoas em todo o mundo pedindo a proibição de testes nucleares, Josei Toda foi além e insistiu: a verdadeira solução só é possível quando superarmos o desrespeito pela vida, subordinada ao sistema de segurança nacional que tem como premissa o sofrimento e o sacrifício de inumeráveis cidadãos comuns.

O que o meu mestre chama de “garras” escondidas nas profundezas de armas atômicas é a forma tóxica do pensamento que permeia a civilização contemporânea: a conquista de seus objetivos a qualquer custo, por sua segurança e interesses nacionais em detrimento das pessoas de outros países e por metas imediatas que sacrificam gerações futuras. Com suas palavras ecoando no meu coração, trabalho para eliminar a ameaça das armas nucleares. Acredito que o sucesso deste desafio coloca o mundo num caminho novo e mais humano.



Daisaku Ikeda é presidente da Soka Gakkai Internacional e fundador de várias instituições que promovem a paz, a cultura e a educação. O texto completo da proposta está disponível em www.sgi.org/about-us/president-ikedas-proposals/.

Lutando por minha filha Encontrei minha verdadeira missão

Rachel Aspögård, Suécia

Comecei a praticar o Budismo Nichiren em 1986 no Reino Unido. Na mesma época, conheci meu marido sueco. No início de 1990, nossos filhos nasceram. Mais tarde, nossa filha, que agora tem 20 anos, foi diagnosticada com autismo.

Foi o autismo de Roxanne que nos levou a viver na Suécia em 2000, assim que meu marido descobriu uma escola de educação especial em Estocolmo de que gostamos. Mas como essa escola e a próxima não atenderam nossas expectativas, optamos por educá-la em casa.

Tudo o que queríamos era continuar com a nossa educação de escolha e trabalhar para integrá-la no sistema escolar tradicional. Como isso foi negado a ela, desafiamos a autoridade de educação local por cerca de dois anos. Depois de duas colocações escolares difíceis, encontramos uma escola disposta dar um lugar a Roxanne com a educação que buscávamos.

Para ela, este foi o início de uma formação consistente e integração em um ambiente escolar “normal”, ajudando-a a lidar com suas desvantagens sociais. Nós vencemos. Entretanto, durante esse tempo, Roxanne desenvolveu epilepsia e começou a mostrar sintomas de problemas intestinais crônicos.

Também foi nessa época que meu marido teve a ideia maluca de construir nossa própria escola para crianças autistas não verbais. Com o bem-estar geral da minha filha balançando como pêndulo, voltei à minha prática budista e comecei a orar muito sobre seu futuro e como eu poderia encontrar novas maneiras de melhorar sua saúde. Estudei as orientações do presidente da SGI, Daisaku Ikeda, e me tornei ativa na SGI.

Em 2011, meu marido e eu pedimos permissão para abrir nossa escola para crianças não verbais, mas foi recusada. Continuei a orar para que essa permissão fosse concedida quando a solicitássemos novamente. Roxanne concluiu o ensino

fundamental. Infelizmente, não havia nenhuma escola de ensino médio que pudesse fornecer a educação que ela estava acostumada, então retornamos aos estudos em casa.

Por muitos anos, Roxanne mostrou comportamento agressivo súbito, o qual relatei com a dor de estômago que sentia. Ela passava cinco horas ou mais à noite se balançando para a frente e para trás, massageando o abdômen. Eu ainda precisava fazer mais para os problemas físicos de Roxanne, que (para minha vergonha) não os tinha claramente reconhecido antes. Decidi orar para encontrar uma solução.

Na primavera de 2012, ouvi falar de um fórum aberto sobre autismo em Londres, Reino Unido. No fórum, tive acesso a informações sobre uma organização chamada Treating Autism [Tratando Autismo]. Descobri mais a respeito dos problemas físicos que as pessoas com autismo sofrem e que são normalmente negligenciados pelos médicos. Isso fortaleceu minha determinação de encontrar a melhor ajuda para Roxanne.

Na conferência do Treating Autism daquele ano, conheci outros pais que estavam tratando seus filhos com intervenção dietética e biomédica; a maioria deles havia vivenciado os mesmos problemas.

Mais tarde, contatei um centro de tratamento de autismo em Edimburgo, Escócia, e testes mostraram que Roxanne estava sofrendo de desequilíbrio na flora intestinal. Comecei a aplicar uma dieta livre de glúten/caseína e segui os tratamentos biomédicos sugeridos, dessa forma ela foi melhorando gradualmente.

Depois de muita oração, eu me tornei mais consciente da minha verdadeira missão, meu único propósito — ajudar as pessoas com autismo na Suécia —, e que já estava cumprindo. Resolvi que minha escola seria estabelecida em 18 de novembro de 2013 — aniversário de fundação da Soka Gakkai.



▲ Rachel (à esquerda) com o marido e Roxanne

Em junho de 2013, assisti outra conferência do Treating Autism, intitulada “Mudando o Curso do Autismo: A Ciência e Intervenção”. Ali, conheci alguns dos principais líderes médicos no campo da pesquisa do autismo e saí com conhecimentos que me deixaram muito esperançosa.

No mesmo ano, nossa escola foi inaugurada e por dois bem-sucedidos ciclos abriu para o ensino médio. No entanto, as autoridades escolares começaram a fechar muitas escolas independentes (gratuitas), e como estávamos dando os passos iniciais, fomos os primeiros na linha de fogo e fechamos. Nossos recursos foram ignorados.

O lado positivo disso foi que encontrei um novo pedagogo, cujos métodos ainda estão sendo pesquisados, e ele já teve êxito com aqueles que possuem autismo não verbal. Toda a experiência alimentou minha paixão de lutar com mais força pela minha filha e ser uma voz forte para aqueles que não têm oportunidade de ser ouvidos e ainda estão sendo discriminados.

Em janeiro de 2014, fiz uma breve apresentação no Centro Norueguês para os Direitos Humanos da Universidade de

Oslo sobre os problemas físicos associados ao autismo. Em muitos países, profundas mudanças estão ocorrendo com pesquisa médica, educação precoce e intervenção dietética impactando positivamente a vida das pessoas com autismo. Também salientei a importância das pessoas com autismo terem acesso à intervenção médica adequada.

Após essa reunião, determinei expandir meu conhecimento sobre a intervenção dietética e biomédica no autismo e dar voz a isso na Suécia. Minha visão já está estabelecida, e estou usando meu site e blog para abrir um caminho de informação (voltado principalmente para os pais).

Acredito que Roxanne e eu mostramos o poder da prática budista e revelamos que as pessoas, mesmo com autismo severo, também têm o potencial para adquirir novas habilidades, desenvolver e cumprir a própria missão. Creio que escolhemos esta missão juntas. O presidente Ikeda escreve:

Tudo se resume a você... Confrontar a realidade, procurá-la diretamente no rosto e com coragem, sabedoria e força, desafiar tudo o que está à sua frente.

Pessoas e perspectivas

Histórias e reflexões sobre a visão budista da vida



▲ Reunião de palestra da SGI em Havana

Budismo em Cuba

Joannet Delgado, Cuba

Nossa família encontrou o budismo quando minha irmã mais velha se casou com um associado da Soka Gakkai japonesa e se tornou membro em 1974. Ela se mudou para Yokohama, Japão, onde se empenhou ativamente nas atividades da organização.

Em dada ocasião, numa atividade da Divisão Feminina em uma sede local da Soka Gakkai, ela compartilhou sua experiência de como seis anos de prática budista haviam mudado a sua vida. A reunião contou com a participação de Kaneko Ikeda, esposa do presidente da SGI, Daisaku Ikeda. Logo após, a Sra. Kaneko soube das dificuldades financeiras que minha irmã e sua família estavam passando e calorosamente a encorajou, dizendo: “Quando você praticar o budismo com seriedade, irá desenvolver um estado de vida que lhe permitirá viajar entre Japão e Cuba sempre que desejar”.

Cerca de uma semana depois, minha irmã teve um encontro com o Sr. Ikeda no mesmo local. Ele a encorajou seriamente, dizendo-lhe que sua esposa lhe contara tudo

sobre ela e que ela era uma pessoa de valor inestimável com uma missão importante na vida. Esse incentivo se tornou um ponto de partida para minha irmã.

No ano de 1984, ela visitou Cuba pela primeira vez em dez anos. Enquanto esteve no país, compartilhou sua experiência da prática budista com a minha mãe, que ficou profundamente comovida e decidiu começar a praticar. Um ano depois, meu pai também passou a recitar Nam-myoho-rence-kyo.

Em 1990, depois de ter transformado sua situação financeira, minha irmã e seu marido convidaram nossos pais para visitá-los no Japão, onde eles puderam aprender mais sobre o budismo. Na época, no entanto, eu não estava realmente interessada nessa religião. Estudei bioquímica na Universidade de Havana e trabalhava como pesquisadora, e não me convenci quando minha irmã disse que eu poderia mudar qualquer coisa se recitasse Nam-myoho-rence-kyo.



Minha mãe, então, me deu alguns livros do Sr. Ikeda sobre o budismo em inglês, que ela trouxera do Japão, e perguntou se eu poderia traduzi-los para o espanhol. Enquanto estava traduzindo, comecei a ficar interessada na profunda filosofia budista. Finalmente entendi o que minha irmã tanto tentara me ensinar sobre a filosofia da revolução humana (uma mudança interior de automotivação).

Decidi começar a orar e recebi meu primeiro benefício: criei condições de participar de uma conferência científica internacional no Equador em 1993, e a apresentação que fiz sobre a minha pesquisa foi um grande sucesso. Mas, para mim, acima de tudo, era minha grande boa sorte conhecer e conversar com os membros da SGI no Equador. Percebi que eles são como uma família acolhedora e, por intermédio deles, passei a apreciar profundamente a SGI.

Quando voltei para Cuba, falei com muitos dos meus colegas sobre o budismo. Embora este seja um país socialista, a liberdade de religião é garantida. Entretanto, na maioria, as pessoas são cristãs ou praticam religiões indígenas, por isso muitas não estavam interessadas em uma filosofia oriental como o budismo.

Visita do presidente Ikeda a Cuba

Enquanto isso, em 1996, as relações de Cuba com os Estados Unidos pioraram novamente. Em meio a essa situação política tensa, algo inacreditável aconteceu. Soubemos que o presidente Ikeda viria a Cuba. Sua visita foi anunciada em todos os meios de comunicação. A TV levou ao ar cenas ao vivo da chegada dele ao aeroporto, de sua palestra na Universidade de Havana e da cerimônia em que ele foi presenteado com a Ordem Félix Varela de Primeiro Grau. Uma coisa surpreendente foi ver o presidente Fidel Castro usando um terno quando se encontrou com o Sr. Ikeda — nunca o vi vestindo nada além de um uniforme militar!

Entre a série de eventos importantes em Cuba, o Sr. Ikeda encontrou tempo para incentivar sinceramente os associados da SGI. Ele convidou meus pais para ir ao seu hotel e calorosamente os abraçou e os encorajou. Durante a sua visita de três dias, ele encheu de esperança o coração dos membros cubanos espalhados por todo o país. Foi a partir dessa época que SGI-Cuba começou a tomar forma. Passo a passo, nós nos esforçamos para ganhar a confiança e disseminar a filosofia do budismo em nosso país como cidadãos-modelo.

O sistema de transporte público em Cuba é muito pobre. Muitas vezes a pessoa precisa esperar horas para pegar



▲ Presidente da SGI, Daisaku Ikeda (à direita), e presidente de Cuba, Fidel Castro, se encontram em Havana, em 25 de junho de 1996

um ônibus. Tivemos de ter muita paciência para enfrentar esse problema de transporte e chegar às reuniões da SGI no horário. Para poder incentivar os associados que moram longe, alugamos um carro, o que não é tarefa fácil, porque diversas pessoas queriam fazer o mesmo. Tivemos de negociar várias vezes para garantir um veículo, e para isso oramos muito. Finalmente, quando conseguíamos alugar um carro, fazíamos pleno uso dele, visitando tantos membros quanto possível, muitas vezes cobrindo mais de 2.500 quilômetros. Assim, por meio de esforços constantes, em 6 de janeiro de 2007, dez anos após a visita do presidente Ikeda, a SGI-Cuba foi oficialmente reconhecida pelo governo cubano como uma organização religiosa.

Hoje, a filosofia de paz ensinada no budismo está sendo cada vez mais admirada pela sociedade cubana. Em outubro de 2015, por exemplo, a SGI-Cuba foi um dos 23 grupos religiosos que participaram do Encontro Internacional para o Diálogo Inter-religioso e Paz Mundial, em Havana. Nossa exposição sobre a abolição das armas nucleares foi recebida com grande entusiasmo pelos visitantes. Recentemente, durante uma discussão sobre religião no Parlamento cubano, o presidente Raúl Castro falou muito bem da SGI, dizendo que estava contribuindo grandemente para a estabilidade e a paz da nação.

A SGI em Cuba cresceu de sete famílias em 1996 para mais de mil associados atualmente.

Em 2015, Cuba e os Estados Unidos retomaram as relações diplomáticas. Neste momento crucial para a nossa nação, estamos determinados a fazer o nosso melhor para conduzir nosso amado país em direção à paz e à felicidade.

A Orquestra da Revolução Humana

Uma parceria pela humanidade

Sean Corby, cofundador da Orquestra da Revolução Humana

*A primeira apresentação da Orquestra da Revolução Humana aconteceu em 2013, estrelando *Ode to the Human Spirit* [Ode ao Espírito Humano], evento comemorativo do Dia Internacional do Jazz no Reino Unido. O cofundador da orquestra, trompetista e membro da SGI-Reino Unido, **Sean Corby**, descreve o que rapidamente se tornou uma parceria internacional que utiliza o poder da música para curar, transformar e reconciliar.*

Criado em um centro local de origem humilde da SGI-Reino Unido, *Ode to the Human Spirit* [Ode ao Espírito Humano] é o principal evento do país para assinalar o Dia Internacional do Jazz (30 de abril). Logo após eu me filiar à SGI-Reino Unido, tomei conhecimento de que o lendário músico de Jazz, o norte-americano Herbie Hancock, havia iniciado esse evento global de jazz pela Unesco, que visa, por meio dessa forma de arte internacional, promover a paz, diálogos interculturais, liberdade de expressão e respeito à dignidade humana, além de outros assuntos.

Consciente de que Herbie era membro da SGI, senti que algo deveria ser feito para celebrar o dia, já que não havia um verdadeiro reconhecimento entre a comunidade do jazz no Reino Unido.

O primeiro evento, realizado no Centro Nacional da SGI-Reino Unido do Sul de Londres, Brixton, em 30 de abril de 2013, foi muito emocionante. A energia no espaço do concerto era perfeita, vibrante e sincera. Vários músicos, acostumados apenas a se apresentarem para seletas plateias de jazz, sentiram-se inspirados pela recepção que tiveram e pela maravilhosa conectividade entre o público e os artistas. Tudo aconteceu da melhor forma possível!

Muitos dos que participaram vieram me dizer depois que eu deveria manter a banda unida e desenvolvê-la futuramente.

Os concertos posteriores incluíram convidados especiais norte-americanos como o multi-instrumentista Bennie Maupin, o pianista Marc Cary e o trombonista Robin Eubanks. Esses concertos inspiraram o surgimento da Orquestra da Revolução Humana, agora um grande conjunto com alguns dos melhores músicos emergentes estabelecidos no Reino Unido, das mais variadas origens musicais, culturais, étnicas e religiosas. Em 30 de abril de 2016, *Ode to the Human Spirit* contou com a apresentação da Orquestra da Revolução Humana e foi a quarta participação da SGI-Reino Unido na atração comemorativa do Dia Internacional do Jazz.

Como cofundadores do evento e da orquestra, o também membro da SGI-Reino Unido Neville Murray e eu estamos muito satisfeitos por conseguirmos reunir tantos músicos de diferentes origens e níveis de experiência que, provavelmente, não se encontrariam de outra forma. Herbie Hancock, que pessoalmente tem dado grande apoio a esse projeto, disse: “A Orquestra da Revolução Humana está fazendo grandes avanços na música unindo os povos do mundo”.



▲ Sean Corby toca *Ode to the Human Spirit* [Ode ao Espírito Humano] em 2016

Reconciliação e transformação

Os músicos que têm participado e compartilhado seu tempo, energia e dons musicais partilham também do desejo em utilizar a música como meio para a promoção da mudança social, do respeito inter-religioso, da compreensão cultural e da defesa dos valores humanitários e pluralistas.

O baterista Rod Youngs falou sobre sua experiência como músico participante:

A música para mim sempre foi um veículo de autoexpressão. É um meio muito especial de comunicação da experiência humana e é uma maneira de colaboração entre pessoas de diferentes origens, porém, o mais importante é que a música é um meio de conectar as pessoas em um nível mais profundo. Realmente, a música confirma nossa humanidade, e a Orquestra da Revolução Humana é o veículo perfeito para essa missão.

Em agosto de 2015, a orquestra recebeu 15 mil libras para dirigir um programa que incluía performances com o convidado especial Robin Eubanks no lendário Clube de Jazz Ronnie Scott em Londres e no Royal Northern College of Music em Manchester.

Além desses concertos, os membros da orquestra conduziram workshops sobre transformação pessoal e jazz para prisioneiros da Prisão Grendon, uma comunidade carcerária terapêutica em Buckinghamshire, que resultou na realização de um concerto nesse local em maio de 2016.

Vislumbrando o futuro, estou muito interessado em firmar parcerias com diversas organizações de bases religiosas, culturais e acadêmicas do Reino Unido e desenvolver internacionalmente um trabalho de excelência artística e valores sociais, envolvendo as comunidades e os indivíduos que possam ser, de certa forma, beneficiados por uma intervenção artística.

Um exemplo desse trabalho está sendo discutido atualmente entre os parceiros de Liverpool, cidade com rico patrimônio histórico, cultural e artístico que tem enfrentado sérias dificuldades econômicas e testemunhou conflitos de segregação e tensões raciais por um longo período.

Eu também me encontrei com o poeta e artista local Curtis Watt, o cineasta Derek Murray, a diretora artística da organização de coros Sense of Sound, Jennifer John, e representantes da Catedral Metropolitana de Liverpool para desenvolver ideias sobre trabalhar com as comunidades em



▲ Orquestra da Revolução Humana

programas que utilizem a música para explorar temas como fé, espiritualidade e reconciliação.

Por meio do desenvolvimento, tanto do evento anual *Ode to the Human Spirit* quanto da Orquestra da Revolução Humana, tenho aprimorado minha confiança e encontrado um real senso de propósito em dirigir esse projeto. A SGI fala sobre evidenciar o potencial de uma única pessoa a partir da fé, e eu realmente me sinto capaz de reconhecer isso.

Naturalmente, minha própria negatividade, dúvida, egoísmo, medo e raiva existem, porém gradativamente e graças à minha prática do budismo, sou capaz de reconhecer essas tendências em mim mesmo e tentar transformá-las. Até os acontecimentos que vivenciei e que foram frustrantes ou desmotivadores na construção desse projeto foram enfrentados com reflexão, oração e um desejo profundamente enraizado de resolver tudo com amor. É mais fácil falar do que fazer, mas é possível.

Existe um potencial grandioso para que a Orquestra da Revolução Humana e nosso evento anual *Ode to the Human Spirit* tenha um significativo impacto musical e social. Sem o apoio da SGI-Reino Unido e a tremenda boa vontade dos musicistas e demais pessoas do universo musical, esse acontecimento nunca teria sido concretizado. Sou profundamente grato.

Nos próximos anos, estou determinado a buscar a concessão de financiamentos para que a orquestra componha e grave

um álbum baseado no conceito budista dos “dez mundos”, com o intuito de aprofundar as ligações entre os artistas dos Estados Unidos e os da Europa que compartilham do mesmo pensamento, desenvolver um trabalho com a Associação de Concertos Min-On do Japão e realizar uma contribuição efetiva no campo artístico e na resolução de conflitos.



Membro da SGI-Reino Unido, **Sean Corby** é um trompetista que tem realizado diversas performances com renomados artistas internacionais do jazz, reggae e pop como Jazz Warriors, Mica Paris e Gregory Isaacs. Ele é também um dos criadores da Jazz in the Round [Rodada de Jazz], junto com Jez Nelson, e de um programa sobre Jazz numa rádio FM do Reino Unido. Pratica o Budismo Nichiren desde 2012.

Budismo na Vida Diária

A prática dos conceitos budistas na vida moderna



A vida de Nichiren Daishonin

Nichiren Daishonin (1222–1282), figura única na história social e religiosa japonesa, foi o sacerdote que instituiu a forma de budismo praticada pelos associados da SGI. Crítico ferrenho das escolas budistas estabelecidas e também das autoridades laicas, ele foi uma pessoa muito calorosa e humana, como está evidente no conteúdo de numerosas cartas que enviou aos seus seguidores. Essa profunda preocupação com as pessoas comuns fez dele um oponente implacável dos corruptos e tiranos da estrutura social da época.

Em uma sociedade feudal baseada na obediência às autoridades, Daishonin teve uma vida de dificuldades e perseguições. Uma vida dedicada a propagar um ensinamento que poderia libertar as pessoas de seus sofrimentos individuais e criar condições para uma sociedade baseada no respeito pela dignidade fundamental e igualdade de todos. Hoje, este mesmo propósito inspira as atividades da SGI e seus associados.

Primeiros anos

Nichiren Daishonin nasceu em uma família de pescadores, num pequeno povoado costeiro de pessoas da classe

mais baixa da estrita hierarquia social do Japão do século 13. Aos 12 anos, iniciou seus estudos em um templo local chamado Seicho-ji e formalmente entrou para o sacerdócio aos 16 anos. Daishonin sensibilizava-se com as agruras da vida das pessoas comuns, que ele viu personificada nas dificuldades diárias do povo de seu vilarejo. Essa preocupação pelo sofrimento humano foi uma profunda força motivacional em seus esforços para compreender o coração da doutrina budista. Em uma de suas cartas, ele descreve o quanto orou, desde a infância, para se “tornar a pessoa mais sábia do Japão”.

Após a sua entrada no sacerdócio, Daishonin embarcou em um período de intenso estudo dos sutras budistas de várias escolas, viajando para os principais centros de aprendizado budista no Japão.

Estabelecendo seus ensinamentos

Aos 32 anos, ele retornou para Seicho-ji onde, em 28 de abril de 1253, anunciou a conclusão de seus estudos em uma palestra. Declarou que o cerne da iluminação de Shakyamuni se encontrava no Sutra do Lótus, que engloba a Lei Mística, ou a verdade para a qual o Buda havia despertado. Nichiren

Daishonin definiu essa lei como “Nam-myoho-renge-kyo” e, desafiando as principais escolas budistas do seu tempo, proclamou ser este o único ensinamento capaz de conduzir todas as pessoas à iluminação.

A refutação de Daishonin aos ensinamentos religiosos estabelecidos despertou um profundo ódio dos sacerdotes

Daishonin sensibilizava-se com as agruras da vida das pessoas comuns, que ele viu personificada nas dificuldades diárias do povo de seu vilarejo.

dessas escolas e seus seguidores, entre eles, funcionários influentes do governo. A partir desse momento, Nichiren Daishonin ficou sujeito a constante assédio e perseguições.

Em 1260, em consequência de uma série de desastres naturais devastadores, Daishonin escreveu seu famoso tratado *Estabelecer o Ensino Correto para a Pacificação da Terra*. Nele, desenvolve o conceito de que somente revivendo um espírito de reverência à dignidade e à potencialidade da vida humana por meio da fé no Sutra do Lótus é que a paz e a ordem poderiam ser restauradas e os desastres, evitados. Ele descreveu sua motivação, expressando-se da seguinte forma: “Como poderia testemunhar o declínio da Lei budista e não sentir tristeza?”.

Ele apresentou esse tratado para as maiores autoridades políticas do Japão e os incitou a participar de um debate público com representantes de outras escolas do budismo. O chamado para o debate público — que Daishonin repetiria ao longo de sua vida — foi ignorado e ele, exilado na Península de Izu.

Crise decisiva

Durante os anos que seguiram, suas críticas direcionadas a diferentes doutrinas budistas geraram uma série de perseguições de outras escolas e das autoridades governamentais. Nelas, incluem-se ataques armados, emboscadas, mais exílio e, por fim, tentativa de execução na Praia de Tatsunokuchi. Pelo que ele relata, momentos antes de a espada do executor começar a descer, um objeto luminoso atravessou o céu com tal brilho que os oficiais, aterrorizados, desistiram da execução. Nichiren Daishonin foi

exilado na Ilha de Sado, onde, em meio a extremas privações, continuou a compartilhar seus ensinamentos, escrevendo tratados e cartas de encorajamento aos seus seguidores.

O triunfo de Daishonin sobre a Perseguição de Tatsunokuchi foi muito significativo para ele. Esse evento confirmou que, enquanto se manteve como um ser comum, sua verdadeira e original identidade era a de um buda com a missão de propagar e ensinar o Nam-myoho-renge-kyo, fornecendo meios para as pessoas se libertarem de seus sofrimentos no nível fundamental. Foi depois disso que ele começou a inscrever o Gohonzon para seus seguidores — um pergaminho inscrito com ideogramas chineses que personifica a Lei Mística para a qual se iluminou.

Fixando residência no Monte Minobu

Em 1274, Nichiren Daishonin foi inocentado e retornou a Kamakura, o centro político do Japão. Ele, uma vez mais, advertiu as autoridades governamentais para que abandonassem suas crenças nos ensinamentos errôneos, mas, pela terceira vez, eles não deram atenção ao seu aviso. Então, ele decidiu deixar Kamakura e ir morar na encosta do Monte Minobu, onde se dedicou a fortalecer os discípulos que iriam realizar a propagação dos ensinamentos após a sua morte.

Durante esse período, os esforços de propagação de seus discípulos convenceram muitas pessoas a se tornarem seguidoras dos ensinamentos de Daishonin. Isso também provocou assédios e perseguições. Em 1279, no vilarejo de Atsuhara, vinte convertidos foram presos sob falsas acusações. Eles foram severamente interrogados sob tortura e pressionados a renunciar à fé. Como consequência, três deles foram executados.

Esses leigos fiéis — camponeses — permaneceram inabaláveis até o último instante. Para Daishonin, isso sinalizou um ponto crucial, dando-lhe a certeza de que seus ensinamentos continuariam vivos e seriam propagados após a sua morte.

Não muito tempo depois desse episódio, em 13 de outubro de 1282, Nichiren Daishonin faleceu aos 61 anos de causas naturais, tendo cumprido a sua missão de vida: abrir o caminho da libertação de todas as pessoas dos sofrimentos ao estabelecer o ensinamento do Nam-myoho-renge-kyo que contém a filosofia da dignidade e empoderamento humano.



▲ Aline e Vera Lucia: mediando conflitos e promovendo a paz

Mediando conflitos, resgatando vidas

As assistentes sociais Vera Lúcia Sant'Anna Martins e Aline Conde Pimentel possuem um grande ideal comum: a certeza de estarem realizando grandiosas e significativas obras em prol da construção de uma sólida cultura de paz. Ambas atuam diretamente com situações de grande tensão e conflito nas quais o grande diferencial que as distingue dos demais profissionais com quem trabalham é a filosofia humanística do Budismo de Nichiren Daishonin.



“Mais do que mediar conflitos, Aline é também conciliadora e orientadora”

▲ Na foto maior, Aline na comunidade em que atua. Nas fotos menores, crianças atendidas pelo projeto social ligado ao município

“Eu optei pelo curso de serviço social ainda na adolescência, quando comecei a me inteirar mais sobre as ações da SGI e os ideais humanísticos que norteiam todas as ações da Soka Gakkai”, inicia a jovem Aline.

Seus pais se associaram à BSGI quando ela ainda se encontrava na primeira infância, e desde que se deu por gente sempre soube que era a doutrina que seguiria por toda a vida.

O curso de serviço social veio quase como decorrência de sua atuação no Núcleo Jovem e Universitário. A aparente *feitura* da miséria humana não a abala, pois possui uma sólida formação humanística que a faz enxergar além do sofrimento: cada desafio é uma oportunidade de transformar sua vida radicalmente.

Aline atua em uma das regiões mais pobres da periferia da capital paulista, o extremo da Zona Leste, em uma organização não governamental (ONG), que é a única chance daquela comunidade obter algum tipo de assistência.

Uma localidade, segundo ela, onde as pessoas não têm escolha alguma e, por consequência, não possuem também qualquer centelha de esperança. Mais do que mediar conflitos, Aline também é conciliadora e orientadora. E sem falar de religião, porque existe um acordo ético entre os colaboradores da ONG de não interferir com a crença dos atendidos.

Devido à precariedade das condições sociais da comunidade — tráfico, prostituição, uso de drogas, violência doméstica



▲ Voluntária do projeto grafitando um muro

◀ Voluntários e colaboradores da entidade unem-se para realizar eventos voltados à comunidade

—, muitos profissionais que atuam no serviço social estão adoecendo. “Agradeço todos os dias em minhas orações pelo fato de ter conhecido e abraçado esta filosofia, pois é ela que me mantém lúcida e disposta para lidar com a população que tanto necessita dos nossos atendimentos”, reflete.

Aline conta que basicamente, a mediação é uma forma de lidar com um conflito e que o papel do mediador é auxiliar as partes a se comunicarem de forma a obter uma solução que seja benéfica a todos os envolvidos.

No livro *Mediação Familiar*, as autoras Stella Breitman, psicóloga, e Alice Porto, advogada, fazem uma interessante análise sobre os diversos conceitos de mediação. Uma das definições mais abrangentes que essas autoras citam é a de Tânia Almeida:

A mediação é um processo orientado a conferir às pessoas nele envolvidas a autoria de suas próprias decisões, convidando-as à reflexão e ampliando alternativas. É um processo não adversarial dirigido à desconstrução dos impasses que imobilizam a negociação, transformando um contexto de confronto em contexto colaborativo. É um processo confidencial e voluntário no qual um terceiro imparcial facilita a negociação entre duas ou mais partes onde um acordo mutuamente aceitável pode ser um dos desfechos possíveis. (2001, p. 46)

Muitas vezes a mediação de conflitos se dá entre a pessoa e sua desorientação interna. “Um caso que muito me marcou foi o de um homem de seus 50 anos, homossexual e portador do vírus HIV”, conta Aline.

Esse homem recebia do Sistema Único de Saúde (SUS) um coquetel de controle da Aids, mas não tinha o que comer, e a ingestão dos medicamentos estava destruindo seu estômago. Aline o atendeu e conseguiu obter algum alimento para que pudesse amenizar sua situação. “Mas eu não queria deixá-lo ir apenas com a comida. Queria falar com ele e tentar ajudá-lo de forma mais efetiva, não somente paliativa”, analisa.

Com seu imenso sorriso e benevolência oriundos da sabedoria do buda inerente a todo ser, Aline conversou com o homem, ouviu-o, ponderou e o ajudou a refletir sobre sua vida e as possibilidades que ainda lhe restavam. “Devagar e com muita paciência, fui mostrando para ele como poderia se levantar e buscar uma colocação no mercado de trabalho. Enfatizei que não seria fácil, mas havia esperança. Vi uma luzinha surgir dos olhos daquele homem, onde antes só havia desespero e depressão”, ressalta Aline.

Ao perceber quanto um simples acolhimento era capaz de fazer com que um homem recobrasse sua dignidade, Aline sentiu que toda a miséria do mundo não seria empecilho para que seguisse no caminho escolhido.

Usando a sabedoria e a paciência

A assistente social e socióloga, Vera Lucia atua junto ao Poder Judiciário do Município de São Paulo, mais especificamente na Rede da Infância e Juventude do Fórum de Santana. Embora já exista há algumas décadas, o atendimento da Justiça Terapêutica ainda é um projeto embrionário e, infelizmente, não está disponível em todos os Fóruns brasileiros.

A história registra que o sistema jurídico brasileiro, especialmente o Ministério Público, sempre atuou com grande ênfase na repressão, principalmente nas questões relacionadas às drogas. Isso ocasionava uma lacuna importante, uma vez que o sistema carecia de opções para amenizar o mal social causado pelas drogas.

Com a consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Brasil em 1990, uma ideia surgiu: implantar um sistema que conciliasse justiça e saúde. Isso só foi possível porque no ECA consta o princípio da Atenção Integral, que significa, na prática, olhar para o infrator e enxergar, além do conflito com a lei, o problema do uso, abuso e/ou dependência de drogas.

Desse novo olhar foi possível aplicar, em vez de sentenças de reclusão, medidas socioeducativas para jovens envolvidos no ciclo permissivo das drogas. Também foram implantadas medidas de proteção que preveem requisição de tratamento

médico, psicológico e psiquiátrico, além de inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos.

A partir de então, vem se consolidando como exitoso programa de recuperação de jovens infratores. A boa notícia é que a mediação de conflitos vem ampliando sua atuação no Judiciário além da área criminal. Hoje ela é parte integrante da vara de família, do trabalho etc.

“O processo de mediação é complexo, longo e requer muita sabedoria e paciência”, explica Vera. São inúmeras as situações que requerem a mediação. “Onde há relacionamento humano, há conflito”, elucida a assistente social e socióloga. “A diferença que sinto bastante é que, devido ao estudo do Budismo Nichiren, compreendo o conflito como meio de evoluir, não como obstáculo intransponível”, afirma Vera.

Essa certeza tem lhe rendido grandes avanços na tarefa de mediar conflitos nas mais diferentes áreas. Desde questões de guarda de filhos e/ou idosos incapacitados física ou intelectualmente até questões relacionadas à violência oriunda do tráfico.

“A Justiça sozinha não tinha como lidar com determinados casos como o menor infrator que faz ‘aviãozinho’ somente com base na lei, que é cega. Há casos que devem ser vistos a partir do ser humano como um todo e só então aplicar a lei”, enfatiza.

O que é mediação de conflitos?

“Eu sei que você acha que entendeu aquilo que eu disse mas eu não tenho certeza de que aquilo que você entendeu é exatamente aquilo que eu quis dizer...”

Diálogo ocorrido na Sala de Imprensa do Pentágono, EUA. – Essa é a questão: o entendimento do que falamos, escrevemos ou lemos, tem sempre um componente pessoal, único, que pode, se não for bem explicado, gerar desentendimentos

Como a expressão deixa claro, a mediação de conflitos é a intervenção de um sujeito neutro em um conflito (como, separações conjugais litigiosas, disputa de guarda de filhos, desentendimento entre vizinhos etc). Este sujeito neutro (mediador ou mediadora), devidamente

capacitado e orientado para este fim, auxilia as partes envolvidas a se comunicarem melhor e chegar a um acordo consensual.

Ao tomar posse como presidente do Supremo Tribunal Federal, o ministro Ricardo Lewandowski enfatizou essa questão: “procuraremos, igualmente, estimular formas alternativas de solução de conflitos, compartilhando, na medida do possível, com a própria sociedade, a responsabilidade pela recomposição da ordem jurídica rompida”. Para tanto, é necessária uma mudança cultural para encerrar a era do litígio, e inaugurarmos uma nova era com foco na conciliação, na arbitragem e na mediação.

A questão surgiu quando o Poder Judiciário se percebeu estar sobrecarregado e necessitando de saídas para seu impasse.



▲ Vera em atendimento

Vera relata ainda que sente grande esperança no avanço da mediação na resolução de conflitos, pois, grande parte deles, são passíveis de serem solucionados dessa forma, tirando dos ombros da Justiça — já tão sobrecarregada — um número significativo de casos, sem que seja necessário um longo e exaustivo processo por vias normais do sistema judiciário.

Vera atua ainda como voluntária no Núcleo de Orientação Social (NOS) da BSGI. Solicitada a relatar um dos

atendimentos prestados nesse núcleo, ela contou sobre um caso de dependência química que envolveu mãe e filho.

“A mãe compareceu ao serviço para se queixar”, inicia. Essa mãe se encontrava muito alterada e nervosa. Por isso, no primeiro momento, Vera decidiu deixá-la falar, promovendo uma escuta atenciosa. Ao perceber que aquela mãe esgotara toda a sua ira, cautelosamente, perguntou sobre o filho com toda a amorosidade que conseguiu imprimir naquelas simples palavras.

De acordo com os dados publicados no relatório *Justiça em números*, de 2013, produzido pelo Conselho Nacional de Justiça, a quantidade de processos ajuizados naquele ano, em comparação com os números de 2012, aumentou em 8,4%, cerca de 28 milhões de novos casos judiciais propostos e aguardando pareceres e/ou decisões. E, some-se a isso o subproduto disso que é o incremento do estoque de processos paralisados, que chegou a 64 milhões. Isso significa que, atualmente, há um processo judicial para cada três brasileiros.

Foi aí que surgiu a mediação pois trata-se de um recurso eficaz na solução de conflitos originados de situações que envolvam diversos tipos de interesses. Sua confidencialidade proporciona confiança aos envolvidos e contribui para a construção de decisões que é responsabilidade das partes envolvidas. Diferente da arbitragem e da jurisdição, em que a decisão caberá sempre a um terceiro.

Sua aplicação abrange todo e qualquer contexto de convivência capaz de produzir conflitos, sendo utilizada inclusive, como técnica em impasses políticos e étnicos, nacionais ou internacionais, em questões trabalhistas e comerciais, locais ou dos mercados comuns, em empresas, conflitos familiares e educacionais, meio ambiente e relações internacionais.

Entre os principais benefícios desse recurso, destacam-se a rapidez e efetividade de seus resultados, a redução do desgaste emocional e do custo financeiro, a garantia de privacidade e de sigilo, a facilitação da comunicação e promoção de ambientes cooperativos, a transformação das relações e a melhoria dos relacionamentos.

Fonte: Wanderley, Waldo. *Mediação*. Brasília: MSD, 2004. 108p. – p.19)

“Respondi: sim, claro!”, exclama Vera. Foi o suficiente para que aquela mãe se sentisse acolhida (...)”

“Enfatizei que não seria fácil, mas havia esperança”, ressalta Aline a um de seus atendidos



Notou, de imediato, que a mãe se surpreendeu. Incrédula, a mãe indagou se ela estava interessada no caso do seu filho. “Respondi: ‘Sim, claro!’”, exclama Vera. Foi o suficiente para que aquela mãe se sentisse acolhida e esquecesse a ira que a levava até ali.

“Ela pediu que eu atendesse seu filho e prontamente aceitei”, explica. Rodrigo [nome fictício para preservar a identidade do jovem] compareceu ao NOS por iniciativa própria. O rapaz começou seu relato contando sobre o abandono paterno quando ainda era recém-nascido. “Disse também que até os 12 anos dormiu na mesma cama com a mãe e chupava o dedo. A iniciação dele às drogas se deu com a maconha e atualmente faz uso de álcool, cocaína e crack”, contou o rapaz a Vera. A adolescência trouxe com ela os problemas de ajustes de relacionamento. Como sempre fora uma criança solitária, quando a mãe iniciou um relacionamento, sentiu-se traído e as discussões se acirraram.

Chegou a ponto de ser expulso de casa pela mãe e ir morar com a avó. Uma prima o levou a consumir drogas. “Ele disse que a droga fazia com que esquecesse a dor do abandono”, descreve Vera.

Durante o período em que atendeu esse rapaz, Vera se preocupou muito em não gerar conflito com a equipe

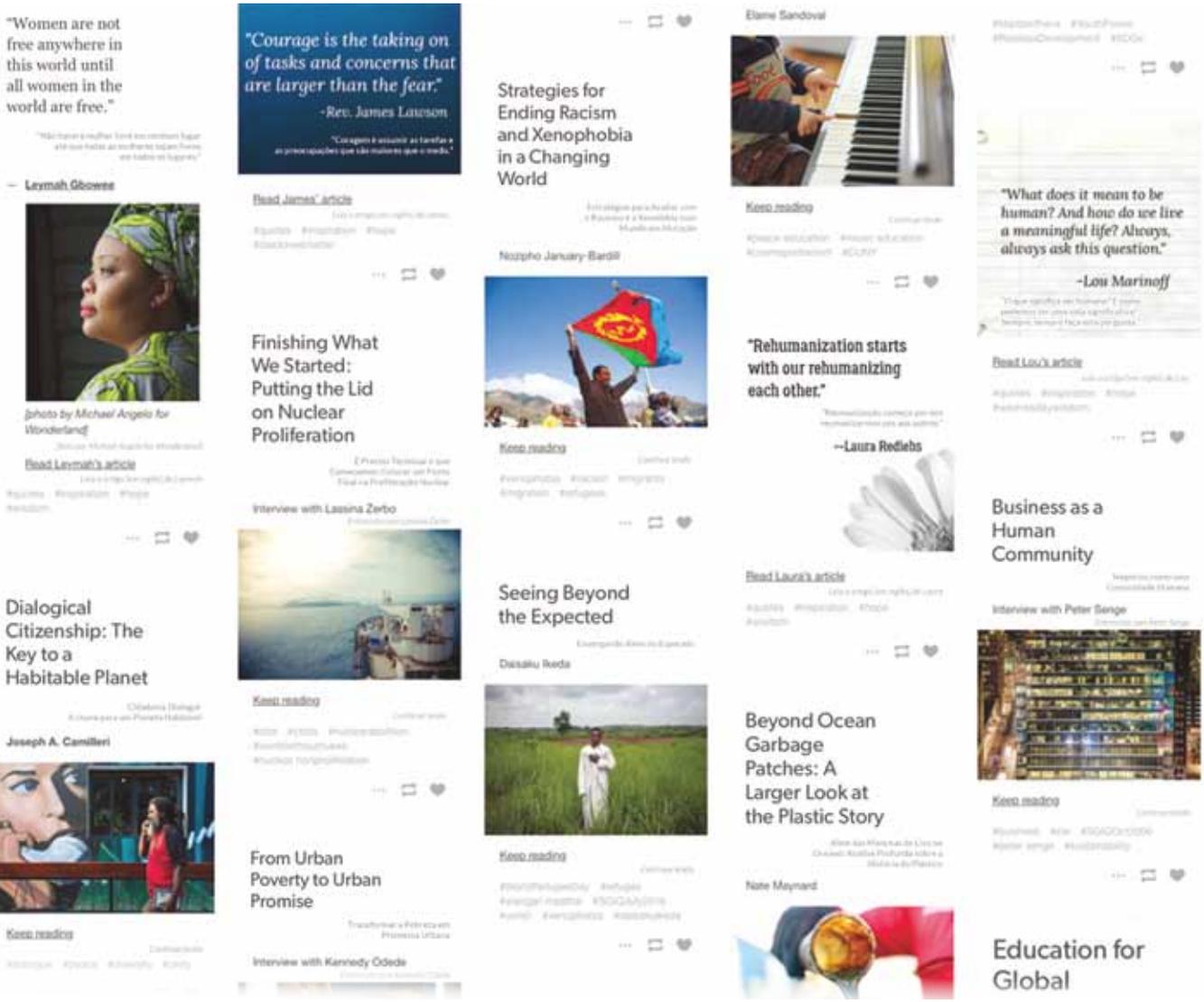
interdisciplinar, e fazer prevalecer a ética. Outro fator relevante era a preocupação com a contratransferência profissional. “Eu me identificava muito com as histórias daquele garoto. Seu comportamento era muito semelhante ao do meu filho, porém com caminhos opostos”, ressalta.

Vera deu início tratamento para a redução de danos. Com isso, ele deixou o crack, depois a cocaína e passou a fazer uso somente de maconha. Esse processo durou cerca de um ano e meio.

“Durante todo esse período, podemos considerar que houve mediação do conflito. O resultado foi que ele voltou a morar com a mãe e ela mesma retomou o grupo de apoio aos familiares de dependentes químicos!”, exclama feliz.

Em todo esse processo houve ainda a mediação e o acompanhamento com os profissionais do CAPS-AD, e o apoio da prática budista foi fator preponderante e bastante positivo.

Hoje, segundo a mãe, o rapaz está limpo. Frequentou Narcóticos Anônimos por muito tempo e atualmente é um dos orientadores do grupo. “Voltou a participar das atividades da BSGI e tem boas lembranças dos nossos encontros”, finalizou feliz a assistente social e socióloga.



Common Threads



Apresentamos **Common Threads**, uma página Tumblr [em inglês] hospedada pela SGI, com o objetivo de gerar interesse em temas relacionados com o desenvolvimento de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos na busca pela paz. O blog apresenta artigos escritos por uma variada gama de colaboradores, na esperança de proporcionar um espaço de diálogo sustentável e para explorar respostas criativas para um mundo em mudança.

Common Threads pode ser acessado via commonthreads.sgi.org.

Convidamos você a participar da conversa, seguindo-nos no Tumblr e curtindo, reblogando e comentando nos posts. Se você estiver interessado(a) em contribuir com um artigo ou recomendar um(a) colaborador(a), favor contatar-nos em quarterly@sgi.org.



Shining Hope for Communities fornece educação para meninas das favelas de Nairóbi, Quênia, ajudando a criar um futuro novo e mais justo para todos

CORTESIA DE AUDREY HALL

A Soka Gakkai Internacional (SGI) é uma associação budista leiga que promove a paz, a cultura e a educação com base no profundo respeito pela dignidade da vida. Os membros da SGI abraçam a filosofia humanística do Budismo Nichiren e atuam em 192 países e territórios.

A partir de um entendimento mútuo dos laços inseparáveis entre a felicidade individual e a realização de um mundo pacífico, os associados da SGI se empenham para manifestar seu potencial inerente, ao mesmo tempo que contribuem para a comunidade local e lidam com os problemas comuns que a humanidade enfrenta. Os esforços da associação para criar uma cultura de paz estão alicerçados num firme compromisso com o diálogo, a não violência e um senso de cidadania global, cultivados por meio da prática budista diária.

Como organização não governamental (ONG) filiada às Nações Unidas, a SGI também colabora com outras organizações da sociedade civil e com agências intergovernamentais nas áreas do desarmamento nuclear, dos direitos humanos, do desenvolvimento sustentável, dos assuntos humanitários e do diálogo inter-religioso.

No Brasil, a SGI se faz presente por meio da Associação Brasil SGI (BSGI), com sede em São Paulo e representações em diversas cidades brasileiras.



Soka Gakkai Internacional
Budismo em ação pela paz

15-3 Samoncho, Shinjuku-ku
Tóquio 160-0017, Japão

Site da SGI: www.sgi.org

Site da SGI Quarterly (edição em inglês): www.sgiquarterly.org

A equipe editorial da SGI Quarterly (edição em português) recebe ideias e sugestões pelo site: www.bsgi.org.br